

**Práxis: considerações sobre as assimilações
de um conceito pelo materialismo histórico**

José D'Assunção Barros*

Resumo:

Este artigo tem por objetivo desenvolver algumas considerações acerca da contraposição do conceito de *Praxis* no materialismo histórico (enquanto paradigma histórico-filosófico), no pensamento de Karl Marx, e no marxismo como um programa político específico que se dirige a propósitos de estabelecimento de uma organização socialista. O conceito é contraposto inicialmente aos conceitos de *Theoria* e *Poiésis*.

Palavras-Chave: Práxis; Materialismo Histórico; Marxismo

Abstract:

This article aims to develop some considerations about the concept of Praxis in the Historic Materialism (as a historic-philosophic paradigm), in the thought of Karl Marx, and in the Marxism as a specifically political program directed to the purposes of establish a socialist organization. The concept is initially contrasted with the concepts of *Theoria* e *Poiésis*.

Keywords: Praxis; Historic Materialism; Marxism

* Professor-Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História. Professor-Colaborador da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense.

Neste artigo examinaremos o conceito de *praxis*, noção que ocupa uma posição excepcionalmente importante no âmbito conceitual do materialismo histórico, aqui considerado como um paradigma histórico-filosófico – sobretudo no pensamento marxista propriamente dito,¹ já considerado como um programa de ação política mais específico.² Por outro lado, será oportuno considerar a assimilação deste conceito pelo próprio pensamento de Karl Marx, entendendo que existem especificidades do autor que introduzem singularidades no seio do próprio paradigma que ajudou a fundar, juntamente com Engels, e que constituem características específicas de seu pensamento, mas não necessariamente do materialismo histórico como um todo.

Antes de mais nada, ressaltaremos que a “Práxis”, no sentido moderno desenvolvido no âmbito do paradigma do materialismo histórico, deve ser entendida como um conceito que une “teoria” e “prática” – ou que, através da “ação” une ou media estas duas instâncias – e logo veremos a importância de compreender isto para não confundir a práxis com a simples “prática”. Por outro lado, em Marx este conceito partilha pelo menos três diferentes significados. Tem-se a “práxis” como “ação revolucionária” (“mudar o mundo, além de interpretá-lo”, como diz a *Tese sobre Feuerbach* n° 11). Tem-se a “práxis” como o caráter ativo e consciente que se estabelece sobre o perceber, o pensar e o fazer humanos (uma relação com a realidade que se coloca como “atividade prático-sensível”, tal como propõe a *Tese sobre Feuerbach* n. 1). E por fim tem-se a “práxis” como a própria atividade que permitiu ao homem, como espécie animal,

¹ Vamos nos referir neste artigo a duas situações. A expressão “materialismo histórico” será empregada para nos referirmos a este paradigma historiográfico e sociológico inaugurado por Marx e Engels e continuado por inúmeros outros autores, admitindo um grande número de variações. A expressão “marxismo” será empregada no sentido de um programa de ação política que visa o estabelecimento do socialismo, e que também apresenta inúmeras variações. Quando utilizarmos a expressão “pensamento marxiano”, estaremos nos referindo a posições e pensamentos específicos de Marx.

² A noção de “práxis”, conceito presente na antiga filosofia grega, aparece já vinculada à moderna dialética com o hegeliano de esquerda Cieskowski. Sobre isto, ver AVINERI, 1978, cap. V.

mudar o mundo e a si mesmo através do “trabalho”.³ Estes três sentidos para práxis aparecem em textos de Marx, e de alguma maneira os três convergem para a noção de que a práxis é um agir consciente que integra a teoria e a prática.⁴ De todo modo, há uma trajetória conceitual que pode ser recuperada para favorecer uma melhor compreensão desta importante noção que foi incorporada pelo materialismo histórico.⁵

A história da palavra remete à Grécia Antiga, na qual a *praxis* se opunha tanto à *theoria* (uma atividade contemplativa) como à *poiesis* (uma atividade que convergia para a produção de objetos, para a produção material e os fazeres dela decorrentes). Entre estas duas instâncias humanas do pensar e do fazer, que eram a *theoria* e a *poiesis*, a *praxis* correspondia a uma terceira instância que correspondia ao “agir”,⁶ e mais especificamente à “ação que se realizava no âmbito das relações entre as pessoas, à ação intersubjetiva, à ação moral, à ação dos cidadãos”, sendo

³ Frequentemente Marx pensará aqui, tal como ocorre nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844), na capacidade industrial (a dimensão “*faber*” do homem) que o conduziu até uma sociedade industrial capaz de “humanizar a natureza” (isto é, de dotar as coisas exteriores e o mundo de uma forma humana). O próprio homem vê-se em seguida “naturalizado”, porque inscrito de corpo e alma nesta natureza que ele mesmo humanizou.

⁴ O trabalho alienado, por exemplo, não corresponde a uma *práxis*, mas apenas a uma prática.

⁵ Em Marx, um dos textos indicados para apreender os sentidos possíveis de práxis é o pequeno conjunto de comentários que recebeu o título de *Teses sobre Feuerbach* (1945). Esta pequena obra de duas páginas de grande intensidade filosóficas não foi publicada durante a vida de Marx. Encontradas por Engels nos *Cadernos* do amigo já falecido, o antigo aliado intelectual de Marx resolveu publicá-las como apêndice de seu próprio livro *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* (1888). Chamou atenção para o extraordinário valor desta pequena obra, que revelava de forma concentrada uma faceta mais filosófica de Marx que não era muito conhecida do público (lembremos que *A Ideologia Alemã* também não tinha sido ainda publicada, pelo menos em sua forma completa, e tampouco os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de 1844, o que só ocorreria no século XX).

⁶ O verbo “*Agir*”, relacionado à produção da “atividade”, deriva de dois outros: *agere* (por em movimento) e *gerere* (gerar, criar). Distingue-se, todavia, do verbo *facere* – relacionado à *poiésis* – que se refere à atividade executada em um determinado instante, com vistas a determinados fim e à produção de um produto concreto, pontual, bem definido. “*Agir*”, ao contrário, pressupõe a “atividade” no seu sentido contínuo.

por isso que Aristóteles costumava associar a práxis às atividades “ética” e “política” (KONDER, 2006, p. 97).

Para os gregos antigos, o homem não é apenas *homo sapiens* – um conceito que só coloca em relevo o aspecto da *theoria* ou da capacidade de abstração. O homem também se distingue dos animais por ser um *homo faber* (um “homem que fabrica”, isto é, que tem uma dimensão ligada à *poiésis*), e um *homo prákticus* (um “homem que age”, isto é, cujo existir associa-se inevitavelmente à *práxis*). Os desdobramentos da dimensão de práxis que se integra ao homem são muitos. É a práxis que o mergulha na história e na necessidade de escrever a História – pois, ao contrário dos objetos fabricados produzidos pela *poiésis*, as ações realizadas através da práxis desapareceriam sem deixar vestígios, se os poetas e historiadores não as registrassem.⁷

É também a práxis, ainda acompanhando o pensamento de Aristóteles, que permite afirmar que “o homem é por natureza um animal político (*zoon politikon*)”, um homem que, através da práxis, realiza-se na comunidade política (a *pólis*).⁸ Mas os desdobramentos mais importantes da percepção da instância da práxis são aqueles que dizem respeito a seus modos de interação com as outras duas instâncias (a *theoria* e a *poiésis*), uma vez que o homem não pode se realizar integralmente – tornar-se um ser completo – sem uma interação adequada entre estas dimensões que o constituem. Isolar uma delas é produzir “alienação” – isto que corresponde a outro conceito importante do materialismo histórico. De qualquer maneira, as formas de oposição e de interação entre a teoria e a práxis (a “contemplação”

⁷ Aristóteles vai falar sobre isso na *Poética* (1448b25 e 1450ª16-22). Sobre o assunto, ver ARENDT, 2009, p. 73-78.

⁸ Marx retoma esta definição de Aristóteles (“o homem é um animal político”) nos *Grundrisse*. O fundador do materialismo histórico dirá: “O homem é, no sentido mais literal, um *zoon politikon*, não apenas um animal social-gregário (*geselliges Tier*), mas também um animal que pode se individualizar (*sich vereinzeln*) na sociedade” (*Grundrisse*, 1857/58). Naturalmente que ele explora desta definição implicações totalmente diversas daquelas que foram conduzidas por Aristóteles na *Política* (Livro I – capítulo I), na qual o filósofo grego procura justificar a escravização como uma situação natural.

e a “ação”) tornaram-se desde os gregos um objeto de intensa inquietação filosófica, atravessando a Idade Média e o Renascimento, até atingir a segunda Modernidade (século XIX em diante).⁹

Marx irá desde logo perceber a riqueza do conceito de “*praxis*”, um agir que pode se estabelecer entre o “pensar” e o “fazer” (ou como resultado dialético do confronto entre estas duas instâncias) e incorporar algo de ambos. Ao mesmo tempo, tal como dá a perceber Leandro Konder em um dos seus mais importantes estudos sobre Marx, “a *práxis* é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos” (2006, p. 115)¹⁰. Todavia, há variações para os usos desta expressão nos escritos deste “filósofo da *praxis*”. Melhor dizendo, Marx em momentos diversos, chama atenção para aspectos diversificados da *práxis*. Procuraremos refletir sobre alguns destes aspectos. Esboçaremos, por ora, uma representação visual para o círculo dialético que envolve as três instâncias constitutivas da relação que estabelece entre o Homem e a Realidade que ele mesmo transforma. Não importando quem – entre a *poiésis* e a *theoria* – desempenha o papel de “tese” e “antítese”, podemos compreender a *praxis* como a “síntese” que as supera:¹¹

⁹ Giordano Bruno (1548-1600), por exemplo, concebe o homem como um ser que combina necessariamente a teoria e a prática, isto é, como um ser atravessado pela *praxis*: “A Providência determinou que ele [o homem] seja ocupado na ação pelas mãos e na contemplação pelo intelecto, de maneira que não contemple sem agir e não aja sem contemplar” (apud KONDER, 2006, p. 100).

¹⁰ Konder prossegue: “É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa de reflexão, de autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática” Neste sentido, a interligação entre *práxis* e teoria – uma interligação *necessária* – é “uma característica que distingue a *práxis* das atividades meramente repetitivas, cegas, mecânicas, ‘abstratas’” (KONDER, 2006, p. 115). A mera *poiésis* sem vir acompanhada de consciência e de liberdade não consegue interagir com a *práxis*.

¹¹ Para Marx, são alienados o homem que se isola na *Theoria* – um filósofo meramente contemplativo, por exemplo – e também o homem que é aprisionado nos limites da *Poiésis* sem que lhe seja permitido interagir com a *Theoria* e a *Práxis*, tal como pode ocorrer com a alienação do trabalho no mundo capitalista. A *Práxis*, contudo – em um dos sentidos específicos que Marx lhe dá – liberta o homem da possibilidade da alienação.

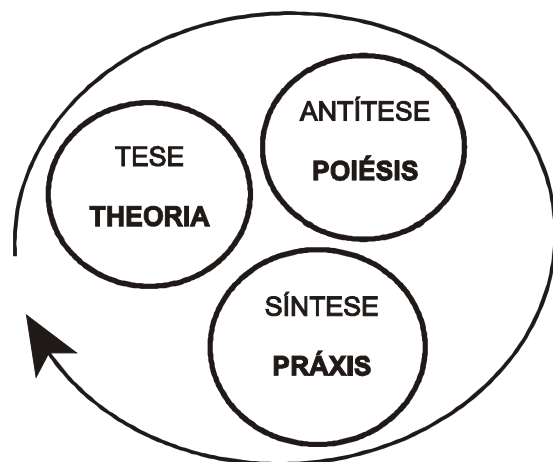


Figura.
Três instâncias do
encontro entre o
Homem e o Mundo

Nas primeiras obras de Marx, a práxis é preferencialmente descrita como uma atividade humana “prático-crítica”, que nasce desde cedo das relações entre o homem e a natureza, esta extensiva ao meio social.¹²

Neste sentido, a práxis expressa o poder que o homem tem de transformar o ambiente externo, isto é, tanto a natureza como o meio social em que está inserido. Nas *Teses sobre Feuerbach* de Marx (1945), obra que Engels aponta como a primeira na qual o materialismo histórico começa a se apresentar como um sistema coerente, a proposta de uma práxis revolucionária também adentra o cenário teórico elaborado por Marx, acabando por se celebrar na frase final na qual Marx diz: “os filósofos não fizeram mais do que interpretar o mundo; cabe a nós transformá-lo” (tese n. 11).

¹² Já vimos que entre os antigos gregos, a “práxis” correspondia ao processo no qual uma teoria ou habilidade era executada ou praticada, convertendo-se em experiência vivida e transformadora – um sentido que também estará presente em alguns textos de Marx, notadamente naqueles que se referem ao problema da “alienação”.

É também nas *Teses sobre Feuerbach*, particularmente na Tese n. 5, que Marx expõe as bases de uma teoria do conhecimento centrada no conceito de “práxis”. A argumentação de Marx parte da crítica de que Feuerbach não considerava o conhecimento do mundo sensível como atividade prática, isto é, como atividade que transforma a realidade apreendida. Para Marx, o conhecimento não deve ser visto como processo contemplativo ou passivo no qual o objeto é apreendido pelo ‘sujeito de conhecimento’. Tampouco o conhecimento será visto como processo no qual o sujeito produz o objeto a partir de suas idealizações. O conhecimento, postulará Marx, é uma “atividade”, e particularmente uma atividade concreta, uma “prática”.¹³

Deste modo, está inscrita na concepção original do materialismo histórico a possibilidade, e na verdade a necessidade, de que a teoria se altere dialeticamente no seu confronto com a realidade, o que autorizaria, segundo o que está implícito nas teses de Marx, reformulações várias, tantas quantas forem necessárias, no sistema conceitual do materialismo histórico, o que seria levado adiante por alguns de seus sucessores mais criativos. Ao contrário, não estaria autorizado por esta concepção o dogmatismo, a imobilização conceitual, ou a transformação do sistema teórico-metodológico do materialismo histórico em mera “doutrina” ou simples “programa de ação política” – o que teria precisamente acontecido em certos desenvolvimentos posteriores do chamado “marxismo-leninismo”.

A interação entre teoria e ação através da práxis constitui um aspecto primordial para a compreensão do materialismo histórico, tal como o concebia Marx, e desde já podemos chamar atenção para o primeiro equívoco que pode surgir no entendimento deste conceito, confundir “práxis” com “prática”. Tal como têm observado alguns dos maiores analistas de Marx – entre os quais podemos citar Leandro Konder (1992) e Arrigo Bortolotti (1976) – esta confusão indevida e inaceitável tem permitido interpretações deturpadas em torno da tese n. 11 sobre Feuerbach

¹³ Sobre isto, ver o primeiro capítulo do ensaio *História e verdade*, de Adam Schaff (1971).

(mencionada anteriormente). Não se trata de deixar de interpretar o mundo para, a partir de Marx, apenas nos ocuparmos da transformá-lo. Na verdade, é impossível transformar o mundo sem interpretá-lo, e a interpretação que não corresponde a uma transformação é desde já uma abstração inútil.

O fundador do materialismo histórico insurge-se, aliás, precisamente contra estas interpretações desprovidas de uma “terrenalidade” (para utilizar uma expressão de Marx nas *Teses sobre Feuerbach*). Mas está longe de sancionar a confusão entre “prática” e “praxis”, de modo que, para ele, não teria qualquer sentido dizer que a teoria não seria mais necessária, pois o importante seria o “mergulho pragmático na ação política revolucionária” (KONDER, 2006, p. 124). Mesmo na esfera do ativismo político, o componente da interpretação é fundamental por proporcionar a autocrítica e a revisão dos objetivos. Interpretar o mundo ao mesmo tempo em que o transformamos; e transformar o mundo com plena consciência (isto é, interpretando concomitantemente a ação de transformar o mundo). Este seria o sentido da última *Tese sobre Feuerbach* (1945).

Quando examinamos as reflexões de Marx em torno do conceito de Práxis, desde as primeiras obras, como é o caso dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844),¹⁴ chegando até as obras de maturidade, entre as quais *O Capital* (1867), também nos deparamos com a sua posição valorativa em relação à *poiésis*. Conforme apresentamos anteriormente, além da *theoria* e da *práxis*, outra categoria importante para a filosofia grega era a *poiésis*,

¹⁴ Os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844) só viriam a ser publicados em 1932, causando uma grande sensação na intelectualidade marxista por ocasião de sua tardia concretização editorial. Na verdade, estes escritos haviam sido elaborados por Marx para seu “auto-esclarecimento”, conforme as palavras do próprio autor, e não visavam publicação. Além disto, muitas páginas se perderam, o que reforça o caráter fragmentário deste fascinante conjunto de textos que traz à tona a dimensão filosófica do pensamento de Marx. Ente as maiores lacunas do texto, está a ausência da maior parte do 2º *Manuscrito*, que era uma parte particularmente importante. De todo modo, os *Manuscritos* causaram sensação quando foram publicados, póstuma e tardiamente. Revelam-se aqui as preocupações profundamente humanistas de um Marx atento à dilaceração da humanidade através da divisão social do trabalho, aos modos como o homem se relaciona com a natureza e o mundo social transformando-os e transformando a si mesmo em um único gesto, além das possibilidades de superar a alienação através de uma postura revolucionária.

que correspondia ao fazer mais concreto, aquele que conflui para a produção material.¹⁵ Ao mesmo tempo em que Marx traz a práxis para uma centralidade que se relaciona à possibilidade de transformar conscientemente o mundo, seja através da recuperação de uma consciência que deve ser aplicada à vida, seja através da ação revolucionária, não devemos esquecer que Marx também trouxe para o centro de sua análise histórica a *poiésis*, esta esfera que se relaciona ao Trabalho.¹⁶

O “Trabalho” torna-se uma categoria tão primordial para os fundadores do materialismo histórico, que Engels chegará a dizer que “o Trabalho criou o Homem” – afrontando a tradicional frase de que “Deus criou o Homem”¹⁷. Com isto, o que distinguiria o homem dos demais animais não seria mais o fato de que ele pensa (*homo sapiens*), e tampouco definido aristotelicamente como um “animal político” e um “animal discursivo”. O homem seria, agora, um *animal laborans*, um “animal que trabalha” (ARENDR, 2009, p. 49). Além disso, a história passará a ser vista por Marx sob

¹⁵ Na Mitologia Greco-Latina, o “deus da *poiésis*” era Vulcano (o Hefesto dos gregos), que possuía uma habilidade inexcedível para fabricar objetos e utensílios (também era o “deus do fogo”, através do qual podia trabalhar artesanalmente com todos os materiais, dotando-lhes de uma forma e, em muitos casos, imprimindo a cada objeto forjado uma funcionalidade.

¹⁶ O “trabalho”, uma categoria central para o materialismo histórico de Marx, também abre algumas possibilidades para nos avizinharmos do conceito de práxis. Vamos lembrar, a propósito, de que o *trabalho*, que corresponde ao modo como o homem transforma o mundo à sua volta, é apresentado nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844) como o ponto de partida original da *praxis* – esta que, no entanto, o supera posteriormente, à medida que o “estar” no mundo se sofisticava. É neste sentido que o filósofo tcheco Karel Kosik (1926-2003), em seu livro *Dialética do Concreto* (1969, p. 204), irá chamar atenção para o fato de que a *praxis* manifesta-se não apenas na “atividade objetiva do homem, que transforma a natureza e marca com sentido humano os materiais naturais”, mas também na “formação da própria subjetividade humana”. Nesta perspectiva, a práxis pode ser compreendida como a mediadora entre o indivíduo, a natureza e a sociedade, atentando para o fato de que é através dela que os seres humanos conferem sentido e transformam a realidade, o que implica tanto na possibilidade de transformá-la objetivamente como também de transformá-la fazendo-a passar através da subjetividade, dotando-a de novos sentidos. A própria realidade, para Karel Kosic, não é mais do que uma “práxis humana objetivada”.

¹⁷ A frase aparece em um texto de Engels intitulado: “*The Part played by the Labor in the Transition from Ape to Man*” (1950, p. 74).

a perspectiva dos verdadeiros sujeitos da *poiésis*: os trabalhadores. Embora o trabalho, que corresponde à produção da vida material, possa ser examinado da perspectiva daqueles que os gerenciam e controlam – estes que, no mundo moderno, são os capitalistas – não é esta perspectiva, tão típica da história burguesa, que Marx toma para si.

O “Trabalho” – que para Marx é a atividade de autocriação do homem – é abordado aqui da perspectiva de que aqueles que efetivamente o realizam podem se tornar os verdadeiros sujeitos da história. Assim como através do Trabalho, o ser humano modifica o mundo e modifica a si mesmo, também os trabalhadores, através do seu “fazer” – da sua *poiésis* – terminam por se modificar as próprias ‘forças produtivas’ das quais participam como os principais ‘agentes de produção’. Das condições de trabalho que são impostas aos trabalhadores, estes terminam por tirar, contraditoriamente, a sua força. Assim, se a fábrica aglomera os homens para atingir a maior eficácia de uma produção em série, isto também favorece a formação de vínculos de solidariedade e proximidade que se tornarão fundamentais para a sua organização social com vistas a assumir uma posição consciente na ‘luta de classes’. As condições para uma coesão que favoreça a emergência de uma “consciência de classe” podem não ocorrer em determinado grupo social, tal como demonstra a análise desenvolvida por Marx em *Dezoito Brumário* (1852), na qual o fundador do materialismo histórico procura mostrar que o campesinato francês, nos episódios que conduziram à entronização de Luís Bonaparte, não chegara a se constituir em “classe-parasí” em função do seu isolamento.

Marx, filósofo engajado através de uma *práxis* que pretende modificar o mundo na direção de uma sociedade sem a dominação de classes, pretende contribuir também para a organização classista dos sujeitos históricos da *poiésis*, que em sua época apresentam como vanguarda o proletariado. Este é o sentido de seu forte engajamento na organização da Internacional dos Trabalhadores¹⁸.

¹⁸ Marx participa da organização da Associação Internacional dos Trabalhadores, em 1864, em Londres, a princípio mais discretamente, mas já ocupando um cargo de “Secretário pela Alemanha”. Depois que a Internacional se estabelece, ele acabará se tornando o principal articulador desta organização. Depois de sete anos, em 1872, após o contexto da violenta repressão da Comuna de Paris, a Primeira

Em Marx, a práxis é concebida em interação com a *theoria* e com a *poiésis*. O “agir” da *práxis* deve dissolver a mera “contemplação” para a qual pode deslizar a teoria, e ao mesmo tempo tem por tarefa despertar a *poiésis* da “alienação” que lhe é imposta.

Para finalizar, vejamos de maneira mais rápida como se desenvolve o conceito de práxis em momentos subsequentes da história do materialismo histórico. Antônio Gramsci irá retomar o conceito marxiano imprimindo-lhe uma nova direção, e a *práxis* passa a ser compreendida como o fazer-se da própria História, o que se dá através da interferência do gênero humano nas condições ambientais (aqui sempre incluindo não apenas o ambiente natural, como também o ambiente social). Quando esteve preso durante o regime fascista italiano, Gramsci estava submetido a uma atenta censura relativamente aos seus escritos. Por isso, criou um termo substituto a partir do qual podia se referir ao Marxismo em seus escritos sem despertar suspeitas e repressões. Sintomaticamente, a expressão escolhida foi “filosofia da práxis”.

Os fundadores do materialismo histórico, Marx e Engels, e também a primeira geração de marxistas que segue até Lênin e Trotsky, estavam fundamentalmente envolvidos com a idéia da práxis neste sentido especificado por Gramsci – isto é, a concepção de que não deveria bastar ao historiador, sociólogo ou filósofo pensar a História. Era preciso viver a História (fazer a História) e isto implicava um engajamento político direto, o que se manifesta na atuação de Marx e Engels junto à organização da Primeira Internacional. Da mesma forma, não bastaria ao revolucionário fazer a revolução, sendo necessário também pensar a Revolução – o que se expressa nas obras teóricas de Lênin e Trotsky. Mas Perry Anderson, em suas *Considerações sobre*

Internacional iria se dissolver. O último Congresso, em 1872, será marcado pela oposição entre Marx e Bakunin. O movimento internacional dos trabalhadores iria se reativar mais tarde, mas em 1889 ocorreria uma cisão no movimento, e a facção marxista terminará por fundar uma nova organização, que ficaria também conhecida como 2ª Internacional. Em desenvolvimento posterior, a 2ª Internacional assumiu uma orientação social-democrata, de modo que Lênin, discordando dos caminhos não-revolucionários propostos pela nova orientação, terminou por fundar uma 3ª Internacional (a Internacional Comunista). Mais tarde (1938), seria criada uma 4ª Internacional pela dissidência inaugurada por Trotsky.

o *Marxismo Ocidental* (1974), sustenta que teria ocorrido um singular processo no qual a teoria e a prática foram se dissociando novamente, o que na concepção marxista original deveriam ser inseparáveis através da noção de práxis.

Conforme Perry Anderson, a partir do final da terceira década do século XX teria ocorrido um duplo processo que afeta o desenvolvimento posterior do pensamento marxista: a bolchevização dos Partidos Comunistas e as pressões e repressões oriundas de governos fascistas. Com isto, o pensamento marxista que precisava recriar-se a si mesmo perde apoio no seio do próprio partido com as imposições unilaterais decididas nos comitês do Partido Único e, ao mesmo tempo, um meio externo repressivo dificulta o trabalho dos intelectuais de esquerda. Com isto, vai se formando um singular “marxismo ocidental” – um pensamento criativo, diversificado, crítico e dialético, porém em muitos casos desvinculado de uma prática revolucionária – e de outro lado, nos países sob a égide da liderança soviética, um marxismo bolchevista, político, prático e pobre de desenvolvimentos teóricos, com esquematizações impostas por Stálin a golpes de martelo e à custa do silenciamento de todos aqueles que pensassem diferente do que havia sido decidido nos fóruns autorizados dos Congressos Socialistas organizados pelos bolcheviques. Estabelecia-se, assim, uma cisão. A práxis aparece aqui em segundo plano. De um lado temos uma vigorosa e criativa teoria desvinculada da prática, de outro lado uma prática por vezes opressiva e silenciadora das criatividades teóricas. As assimilações do conceito de práxis pelos partidos políticos que adotaram alguma das variações da perspectiva marxista, todavia, é uma questão particularmente complexa, que requer um estudo específico.

Bibliografia

ANDERSON, Perry. “Considerações sobre o Marxismo Ocidental” (1974) e “Nas Trilhas do Materialismo Histórico” (1983). São Paulo: Boitempo, 2004.

- ARENDR, Hannah. "A Tradição e a Época Moderna" in: *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 43-68 [original: 1957].
- ARENDR, Hannah. "O Conceito de História – antigo e moderno" in: *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p.69-126 [original: 1957].
- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UNB, 1997.
- AVINERI, Shlomo. *O Pensamento Social e Político de Karl Marx*. Coimbra: Editora Coimbra, 1978.
- BORTOLOTTI, A. *Marx e il Materialismo*. Palermo: Palumbo, 1976.
- ENGELS, Friedrich. *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*. São Paulo: Edições Sociais, 1977 [original: 1888].
- ENGELS, Friedrich. "The Part of the Labor in the Transition from Ape to Man" in MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Selected Works*. London: 1950. vol. II, p. 74 e ss.
- KONDER, Leandro. *O Futuro da Filosofia da Praxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006 [orig.: 1992].
- KOSIC, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969 [original: 1963].
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1991 [original: 1844].
- MARX, Karl. *Thèse sur Feuerbach*. Paris: Gallimard, 1982 (em português. Incluído em *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978) [original: 1845].
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec, 1983 [original: 1946]
- MARX, Karl. "O 18 Brumário" in *A Revolução antes da Revolução – o 18 Brumário, as lutas de Classe na França, e a Guerra Civil na França*. São Paulo: Expressão Popular, 2008 [original de "O 18 Brumário": 1852].
- MARX, Karl. *Grundrisse der Kritik der Politischen Ökonomie* (Linhas Básicas para a Crítica da Economia Política). Berlim: Dietz, 1953 [original: 1858].
- SHAFF, Adam. *Verdade e História*. São Paulo: Martins Fontes, 1978 [original: 1971].